

A ESCOLARIDADE DOS PAIS E OS RETORNOS À EDUCAÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO

Lauro Ramos*

Maurício Cortez Reis**

1 INTRODUÇÃO

O conjunto de evidências empíricas apresentadas por Ferreira e Veloso (2003) mostra que o nível de escolaridade dos indivíduos no Brasil apresenta um grau elevado de persistência entre as gerações. Indivíduos com pais mais escolarizados têm um nível médio de escolaridade bem superior ao dos trabalhadores com pais pouco educados, indicando uma limitada mobilidade educacional. Lam e Schoeni (1993) também apresentam evidências de que o nível de educação dos pais tem influência direta sobre os rendimentos dos filhos no mercado de trabalho, mesmo controlando para uma série de características sociodemográficas desses últimos. Estes dois efeitos contribuem para que os rendimentos tenham alta persistência entre gerações (FERREIRA; VELOSO, 2006).

O objetivo desta nota é mostrar que não apenas a mobilidade educacional e de rendimentos é baixa, mas também que o diferencial de rendimentos de filhos de pais com educação mais elevada em relação a filhos cujos pais tiveram baixo nível de educação depende, positivamente, dos anos de estudo do trabalhador. Ou seja, quando comparados dois indivíduos com a mesma escolaridade, para cada ano adicional de estudo o diferencial de rendimentos tende a aumentar se os pais desses trabalhadores alcançaram níveis melhores de escolaridade, o que significa dizer que os retornos da educação crescem de acordo com a escolaridade dos pais. Com isso, a estrutura educacional da família pode desempenhar um papel importante para a determinação da desigualdade de rendimentos no Brasil, assim como para sua persistência ao longo do tempo.

Esta nota é composta de três seções, além desta introdução. Na seção 2, é apresentada uma análise descritiva dos dados; na seção seguinte mostram-se os resultados empíricos; e na seção 4 encontram-se as principais conclusões.

2 DADOS

A análise empírica utiliza dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), de 1996, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Nesse ano, a pesquisa incluiu um suplemento especial com informações sobre as características dos pais, entre elas, o nível de instrução. A amostra é restrita aos indivíduos ocupados e com rendimentos do trabalho positivos, com idade entre 25 e 45 anos¹ e que trabalharam 20 horas ou mais na semana de referência. Com isso, a amostra final é composta por mais de 40 mil observações.

* Coordenador do Boletim Mercado de Trabalho.

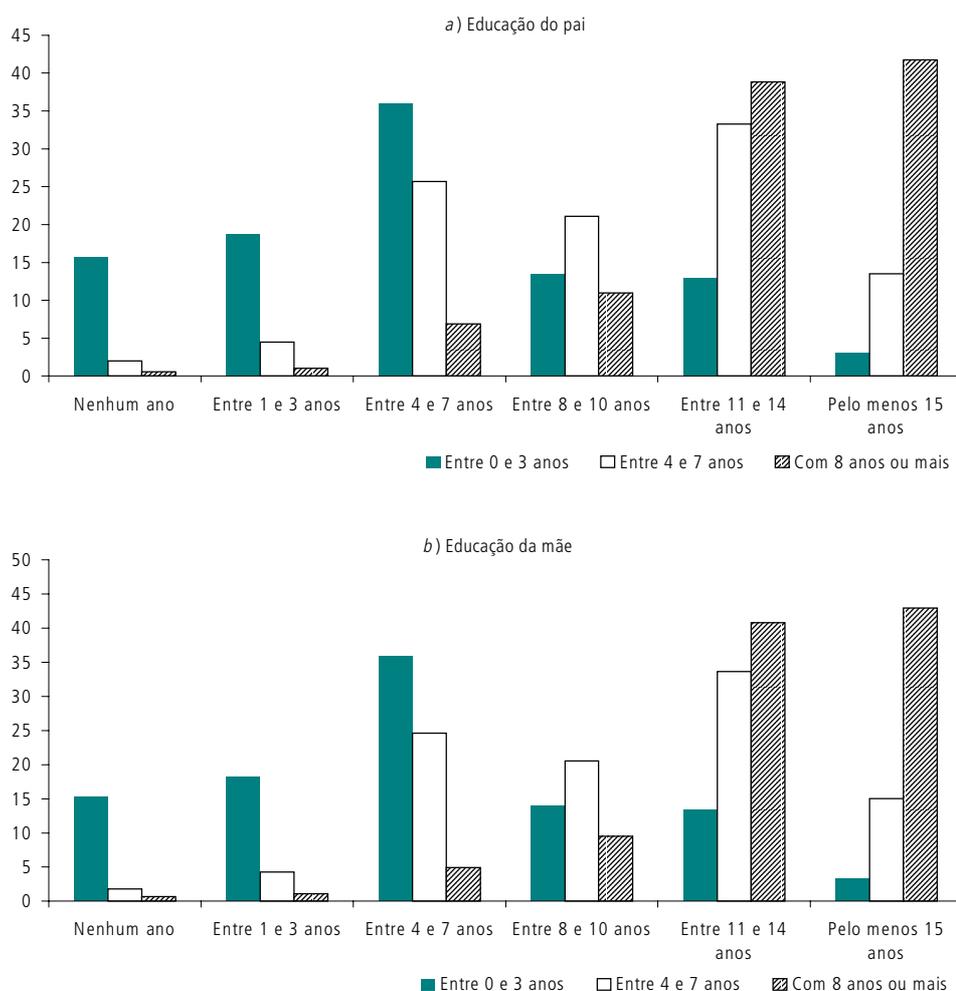
** Pesquisador da Diretoria de Estudos Sociais do Ipea.

1. O propósito de estabelecer esses limites etários é analisar indivíduos que muito provavelmente já completaram seu ciclo educacional e minimizar a heterogeneidade da informação sobre a educação dos pais, uma vez que os dados dizem respeito a períodos de tempo distintos.

O gráfico 1 apresenta a distribuição educacional dos indivíduos na amostra condicionada à escolaridade dos pais. Percebe-se claramente que o nível educacional é muito maior no caso de pessoas cujo pai ou mãe alcançaram um nível de escolaridade mais elevado. Os dados revelam que 35% dos indivíduos com pais que não completaram o primário (menos de 4 anos de estudo) também possuem menos de 4 anos de escolaridade, e apenas 3% têm curso superior completo. Para os trabalhadores cujos pais alcançaram entre 4 e 7 anos de estudo, apenas 6,5% não possuem pelo menos o (antigo) primário completo, e 14% têm curso superior. Já entre aqueles cujos pais chegaram a pelo menos 8 anos completos de estudo, apenas 1,5% não conseguiram completar o primário, enquanto a proporção dos que obtiveram curso superior é de 42%.

O gráfico 2 mostra as médias dos rendimentos do trabalho por escolaridade para indivíduos nos três diferentes grupos educacionais dos pais, conforme a classificação citada anteriormente. Fica claro que, comparando-se indivíduos com o mesmo grau de instrução, a média de rendimentos aumenta de acordo com o nível de educação dos pais, com exceção apenas dos trabalhadores com escolaridade entre 4 e 7 anos, como mostra o gráfico 2b. Para trabalhadores com 15 anos ou mais de escolaridade, por exemplo, a diferença entre os

GRÁFICO 1

Distribuição educacional dos indivíduos ocupados de acordo com o nível de escolaridade dos seus pais

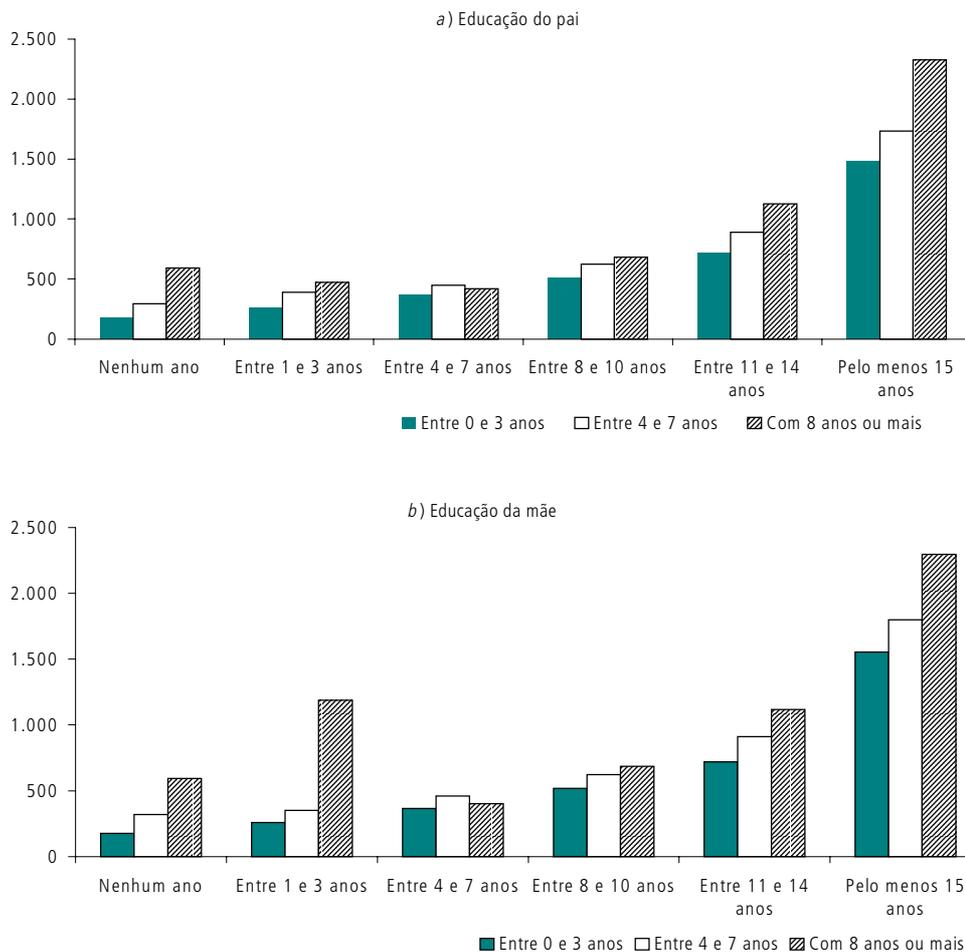
Fonte: Pnad de 1996 para trabalhadores com idade entre 25 e 45 anos.

rendimentos daqueles com pais que estudaram entre 4 e 7 anos em relação aos indivíduos com pais que não chegaram a completar 4 anos de estudo é de 17%, de acordo com o gráfico 2a. No mesmo grupo de escolaridade, comparando-se aqueles com pais que estudaram pelo menos 8 anos completos com os indivíduos cujos pais estudaram 3 anos ou menos, a diferença entre os rendimentos é de 58%.

Portanto, a análise descritiva indica que o nível de escolaridade dos trabalhadores está bastante associado ao nível educacional dos pais. Além disso, mesmo quando se comparam indivíduos com escolaridade semelhante, os rendimentos são mais elevados para aqueles com pais mais educados.

GRÁFICO 2

Rendimento médio do trabalho de acordo com o nível de escolaridade dos pais



Fonte: Pnad de 1996 para trabalhadores com idade entre 25 e 45 anos.

3 RESULTADOS

A análise empírica adotada nesta nota consiste em estimar regressões de rendimentos que incluem interações entre os níveis de escolaridade dos indivíduos e de seus pais. Consideramos nas estimações que o nível educacional dos pais pode influenciar o desempenho dos filhos no mercado de trabalho tanto através de um efeito direto, captado por mudanças no intercepto, quanto através de diferenças nos retornos à educação. Ou seja, um ano adicional de estudo pode ter impacto diferente sobre os rendimentos do indivíduo, dependendo do

nível de escolaridade de seus pais. Para captar esse último efeito, introduzimos interações entre a escolaridade do trabalhador e a escolaridade dos pais.

A tabela 1 apresenta os resultados de regressões mincerianas em que são utilizadas informações sobre o nível educacional dos pais. Na coluna (1) incluiu-se apenas a educação,

TABELA 1
Regressões mincerianas usando a escolaridade dos pais
Variável dependente: log dos rendimentos do trabalho principal

	(1)	(2)	(3)	(4)	(5)
Escolaridade	0,123 [123.43]***	0,110 [97.61]***	0,110 [97.63]***	0,103 [75.06]***	0,103 [77.25]***
Escolaridade do pai entre 4 e 7 anos		0,123 [11.54]***		0,050 [2.08]**	
Escolaridade do pai \geq a 8 anos		0,374 [24.36]***		-0,179 [3.52]***	
Escolaridade da mãe entre 4 e 7 anos			0,145 [13.52]***		0,046 [1.91]*
Escolaridade da mãe \geq a 8 anos			0,384 [23.92]***		-0,131 [2.28]**
Escolaridade <i>versus</i> escolaridade do pai entre 4 e 7 anos				0,011 [4.17]***	
Escolaridade <i>versus</i> escolaridade do pai \geq a 8 anos				0,049 [11.76]***	
Escolaridade <i>versus</i> escolaridade da mãe entre 4 e 7 anos					0,013 [5.08]***
Escolaridade <i>versus</i> escolaridade da mãe \geq a 8 anos					0,045 [9.77]***
Idade	0,044 [4.92]***	0,047 [5.29]***	0,044 [5.04]***	0,045 [5.07]***	0,042 [4.79]***
Idade ² (/100)	-0,030 [2.58]***	-0,040 [2.85]***	-0,030 [2.58]**	-0,030 [2.69]***	-0,030 [2.39]**
Urbano	0,362 [30.00]***	0,354 [29.48]***	0,358 [29.84]***	0,369 [30.52]***	0,371 [30.75]***
Mulher	-0,620 [72.73]***	-0,617 [73.31]***	-0,616 [73.16]***	-0,615 [73.25]***	-0,617 [73.33]***
Negro	-0,209 [22.69]***	-0,195 [21.26]***	-0,190 [20.68]***	-0,193 [21.04]***	-0,190 [20.65]***
Constante	3,936 [25.69]***	3,901 [25.72]***	3,930 [25.93]***	3,979 [26.29]***	4,011 [26.51]***
Número de observações	38.129	38.129	38.129	38.129	38.129
R ²	0,52	0,53	0,53	0,53	0,53

Fonte: Pnad de 1996 para trabalhadores com idade entre 25 e 45 anos.

Todas as regressões incluem *dummies* para regiões.

Os erros-padrão robustos são apresentados entre colchetes.

* significativo a 10%.

** significativo a 5%.

*** significativo a 1%.

em anos de estudo, além dos controles para idade, gênero, raça e as *dummies* para região e residência em área urbana. O resultado com essa especificação indica que os rendimentos aumentam cerca de 13% para cada ano adicional de estudo.

Na coluna (2) introduziram-se variáveis *dummies* para o nível de escolaridade do pai. Nesse caso, o coeficiente correspondente aos anos de escolaridade do indivíduo é reduzido em relação ao resultado da coluna (1), passando de 13% para 11,5%. Indivíduos cujos pais alcançaram entre 4 e 7 anos de estudo recebem, em média, rendimentos 12,1% maiores do que os trabalhadores cujos pais não chegaram a completar 4 anos de estudo. Já para os indivíduos cujos pais têm escolaridade de 8 anos ou mais, o diferencial de rendimentos em relação ao grupo com pais pouco escolarizados (menos de 4 anos) é de 37%. Isso, controlando para todos os outros fatores incluídos na regressão, inclusive a escolaridade do próprio trabalhador.

Na coluna (3), foram incluídas *dummies* para a escolaridade da mãe, em vez da escolaridade do pai. Os resultados estimados são bastante semelhantes aos encontrados na coluna (2). Uma pequena diferença pode ser notada: o impacto da escolaridade da mãe sobre os rendimentos é ligeiramente maior do que o apresentado pela escolaridade do pai, principalmente no caso das mães com escolaridade entre 4 e 7 anos de estudo.

Nas equações das colunas (4) e (5), estão incluídas, além dos anos de escolaridade do indivíduo e de *dummies* para a escolaridade dos pais, interações entre os anos de escolaridade e o nível de educação dos pais. Na coluna (4), é utilizada a escolaridade do pai, enquanto a coluna (5) reporta os resultados usando a escolaridade da mãe. O retorno da escolaridade, isto é, o coeficiente correspondente aos anos de estudo do indivíduo, diminui um pouco em ambos os casos, passando para 10,7%. As *dummies* para escolaridade do pai se reduzem substancialmente, com a *dummy* para pais mais escolarizados (com 8 anos de estudo ou mais) passando a ficar negativa.² Os resultados das variáveis interativas, entretanto, mostram que para cada ano adicional de estudo os rendimentos aumentam substancialmente mais quando o trabalhador tem pais com um nível educacional mais elevado. Cada ano a mais de estudo faz com que os rendimentos de indivíduos cujos pais tenham entre 4 e 7 anos de estudo aumentem 1,2% em relação aos ganhos de indivíduos com pais pouco escolarizados. Comparando-se trabalhadores com pais mais educados (8 anos ou mais de estudo) com indivíduos cujos pais têm educação mais baixa (menos de 4 anos), cada ano de escolaridade leva a um aumento dos rendimentos para o primeiro grupo 4,8% superior, em relação aos indivíduos do segundo grupo. Essas constatações são basicamente as mesmas quando se utiliza a escolaridade do pai ou a da mãe.

4 CONCLUSÃO

Evidências empíricas mostram que as diferenças educacionais no Brasil tendem a ser transmitidas de uma geração para outra, contribuindo assim para uma persistência dos níveis de rendimento das famílias (FERREIRA; VELOSO, 2006). Os resultados apresentados nesta nota mostram que, além da pouca mobilidade educacional, outra forma de contribuir para a persistência de rendimentos via escolaridade é a diferença de retornos da educação segundo a escolaridade dos pais.

2. Na verdade isso deve ser interpretado como uma evidência a mais da importância das interações *vis-à-vis* o puro deslocamento associado às *dummies*.

De acordo com os resultados estimados, o diferencial de rendimentos entre dois trabalhadores com 6 anos de escolaridade, o primeiro com pais que alcançaram 8 ou mais anos de estudo e o segundo com pais que chegaram a 3 anos de estudo ou menos, é de aproximadamente 12%. No entanto, caso os dois trabalhadores citados possuíssem 15 anos de escolaridade, o diferencial estimado seria de aproximadamente 56%.

Essas diferenças nos retornos da escolaridade conforme a educação dos pais têm um papel potencialmente importante no processo de transmissão da desigualdade de rendimentos entre as gerações. Uma investigação mais detalhada desse mecanismo, portanto, impõe-se como prioridade numa agenda de pesquisa, de forma a mensurar a extensão do impacto da escolaridade e vislumbrar estratégias e procedimentos que diminuam as disparidades nos retornos e propiciem efeitos distributivos mais positivos dos progressos educacionais.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, S.; VELOSO, F. A. Mobilidade intergeracional de educação no Brasil. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 33, p. 481-513, 2003.

———. Intergenerational mobility of wages in Brazil. *Brazilian Review of Econometrics*, v. 26, n. 2, p. 181-212, 2006.

LAM, D.; SCHOENI, R. F. Effects of family background on earnings and returns to schooling: evidence from Brazil. *Journal of Political Economy*, v. 101, n. 4, p. 710-740, Aug. 1993.